

Dietmar Osthus

Cândido Lusitano, *Reflexões sobre a língua portuguesa*, 1751/1842

- I Die Arcadia Lusitana und der Neoklassizismus
 - II Textstruktur und Themen der *Reflexões*
 - III Klassische Autorität vs. Sprachgebrauch: Vorstellungen von Sprachpflege
 - IV Entlehnungen
 - V Stillehre und Schicklichkeit des Sprechens
- (1) Passaremos a dar Catalogo de palavras, tiradas das linguas, Latina, Italiana, e Franceza, e introduzidas na nossa por Escritores de inferior nota; por cuja razão não deverá usar dellas quem quizer escrever com propriedade, e pureza, e só se lhe concederá licença, quando por falta de vozes naturaes, e decentes, não se poder explicar com precisão, clareza e energia (I,2)
 - (2) Por ultimo recommendaremos como precisissima circumstancia a propriedade, e pureza na locução; para o que apontaremos alguns exemplos de Vieira, que provem claramente esta propriedade, e pureza; e remataremos com um Vocabulario, que mostre a rigorosa significação de muitos termos, que erradamente se tem por Synonymos (ibid.)
 - (3) Mostraremos o quanto esta [a Pronunção] corre viciada em alguns Nomes com o ignorante uso do povo (ibid.)
 - (4) “Não nos esquecemos de fallar dos *Diminutivos*, cuja pronunção corre frequentemente viciada, e tambem de alguns *Participios*, que a cada passo pronunciam com erro até aquelles, que presumem não ser povo”. (I, 3)
 - (5) Muitos ha, que ou ignorando, ou desprezando a grande auctoridade destes textos, não reconhecem outro mestre, senão ao uso corrente. Não se pode negar que em pontos de propriedade, e pureza de linguagem é o uso um arbitro soberano nos idiomas vivos, porque sem elle se contaminaria o fallar puro e correcto com vozes já fastidiosas, e decrepitas. Mas que uso é este, ao qual se deve cegamente obedecer? Não é o que reina no vulgo ignorante, nem ainda o que favorecem os homens lettrados, pouco escrupulosos nas propriedades da sua lingua; é só o que floreceu, e florece entre aquelles, que mais se distinguiram na pureza do fallar proprio, genuino, e natural de sua nação. (I,5f.)
 - (6) [...] no fallar não se deve seguir o uso do povo idiota, inimigo declarado das linguas mais cultas, mas só o daquelles, que á força de observação, e de estudo fallaram sempre com escrupulosa propriedade e pureza. (I, 6)
 - (7) As Academias dos *Singulares*, dos *Generosos*, e dos *Anonymos* tiveram alguns Alumnos tão cuidadosos da pureza de linguagem, que tempo virá, em que com elles se

auctorise, quando se formar um Diccionario Portuguez, cujos vocabulos se vejam sempre auctorizados com exemplos classicos para segurança dos Escritores pouco instruidos na Lingua materna. O P. Bluteau, a quem muito seguimos nesta obra, não foi neste ponto escrupuloso, como devêra, em todos os termos que trás no seu Vocabulario, allegando a cada passo, já com AA. Classicos, já com outros da infima nota; mas sempre será um Escriitor de immortal fama entre os Portuguezes; por lhes dar um Diccionario, que elles não tinham, e de que tanto necessitavam. (I, 21)

- (8) *Odor* por cheiro: achamo-lo em diversos Auctores, que julgam ter a Lingua Portugueza acção a toda a palavra Castelhana, ou Italiana. (I, 53)
- (9) [...] dizemos que uns, e outros tem razão. Os escrupulosos, porque é certo, que havendo para exprimir qualquer cousa termo nacional, e usado pelos Auctores, que são textos, não se deve adoptar um novo; porque de outro modo nunca se verificaria que um Escriitor é de linguagem mais pura do que outro, e seria vão o nome de Classico, que se dá áquelles Auctores que o mereceram. Porém estes escrupulosos peccão muitas vezes por excesso, sentenciando por vozes novas, e introduzidas pela moda, que reina na presente Litteratura do nosso seculo, a algumas que tem já muitos annos, e tambem seculos de antiguidade. Por exemplo estranha-se por novamente adoptada a palavra *Reproche*, e já Duarte Nunes de Leão faz della memoria contando-a por uma daquellas que fomos buscar aos francezes. (I, 62f.)
- (10) *Isto não é que uma insolencia* vs. *isto não é senão uma insolencia*
- (11) *esta acção faz o objecto do publico assombro* vs. *esta acção é o objecto*
- (12) *Caçalume*: é cousa assentada que só no estilo jocoso poderá este termo ter uso. Os criticos dividem-se na escolha de novo nome: uns dizem á latina perilampo, outros á portugueza *bicho luzente* ou *noute-luz* &c. Veja-se a Bluteau nas prosas, referindo um das sessões das conferencias eruditas, feitas em casa do conde da Ericeira. (III, 83)
- (13) *Diabo* por *demonio* não tem bom uso no caracter grave; no familiar, e comico admitte-se sem reparo: o mesmo dizemos em discursos asceticos com os infinitos exemplos de Vieira, e outros. Porém *diabolico* em todo os estilo tem uso corrente, o que não succede a *diabrura* que só tem lugar no familiar, comico e jocoso. (III, 88)
- (14) *Porco* e *porca* não entram no discurso polido. O Padre Vieira vendo-se precisado a fallar deste animal, usou de varias frases sempre decorosas ao estilo, em que fallava. Por conta da mesma decencia, que pede a linguagem elegante não quer a critica, que se diga *porco montes*, mas *javali*, nem *porco* na significação de *sujo*, mas sim *immundo*, nem *porqueiro*, mas *guardador do gado immundo* &c. (III, 104)

Literatur:

Pires, Maria Lucília Gonçalves (2001), “Verney e a língua portuguesa”, in: Mateus, Maria Helena Mira (coord.), *Caminhos do Português: exposição comemorativa do ano europeu das línguas: catálogo*, Lisboa.